



Trabalhos Científicos

Título: Transmissibilidade Da Bordetella Pertussis Por Vacinados

Autores: ANA CAROLINA FRANCO CABRAL (UCB); HELOISA YUKIE ARAKE SHIRATORI (UCB); GLÁUCIA NAVES SILVA (UCB); NATÁLIA DA SILVA ARAÚJO BORGES (UCB); POLYANA DE OLIVEIRA SANTANA (UCB); DENISE NOGUEIRA DA GAMA CORDEIRO (UCB)

Resumo: Introdução Coqueluche é uma doença infecciosa de alta mortalidade que pode causar pneumonia, otite média, enfisema e outras complicações. O esquema de vacinação preconizado pelo Ministério da Saúde envolve 3 doses da vacina pentavalente administradas aos 2, 4 e 6 meses de vida, com reforço aos 15 meses e aos 4 anos. Apesar da existência da vacina, muitos países constataram aumento da incidência de Bordetella pertussis nos últimos 20 anos. Isso acontece devido à baixa efetividade vacinal, a qual oferece uma imunidade duradoura – e não permanente – por 5 a 10 anos após a última dose, o que sugere que indivíduos vacinados possam ser responsáveis pela transmissão dessa bactéria para pessoas não vacinadas. Objetivo Apontar a transmissão assintomática da Bordetella pertussis por vacinados como mecanismo envolvido na reemergência da coqueluche. Metodologia detalhada Foram pesquisados artigos científicos na base de dados PubMed com as palavras-chave “pertussis” e “vaccination” que disponibilizavam artigos gratuitos. Também foi consultado o portal eletrônico do Ministério da Saúde. Resultados Após certo tempo da última dose da vacina, indivíduos vacinados com B. Pertussis podem ser colonizados pelas bactérias, porém sem apresentar sintomas típicos da coqueluche, sendo essa infecção muitas vezes confundida com um resfriado. Estudos epidemiológicos e genéticos realizados por Althouse e Scarpino (2015), apontam que indivíduos vacinados há mais de 10 anos podem contrair a doença de forma assintomática e infectar pessoas ainda não vacinadas ou parcialmente vacinadas, especialmente crianças, as quais apresentam maior risco de complicações e letalidade, principalmente nos primeiros meses de vida. Conclusão Embora mais estudos ainda sejam necessários para soluções permanentes, sugere-se vacinação de dTPa em mulheres grávidas – cuja campanha vacinal já existe no Brasil desde 2014 – e a vacinação dos profissionais de saúde diretamente envolvidos com crianças e neonatos, principalmente aqueles que tiveram a última dose da vacina há mais de 10 anos.